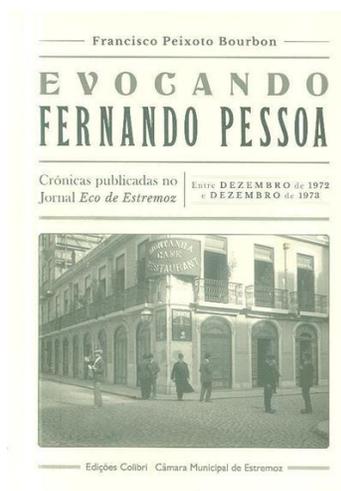


Notas para a recordação do meu mestre Fernando Pessoa

Rui Sousa*

BOURBON, Francisco Peixoto (2016). *Evocando Fernando Pessoa*. Lisboa: Colibri/Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz, 140 pp. [ISBN: 9789896895815].



A proliferação de estudos e recolhas de textos dedicados a Fernando Pessoa só rivalizam com a regular e previsível edição e reedição de textos do próprio poeta, sejam inéditos ou novas alternativas editoriais a alguns dos seus textos mais célebres ou de mais delicada e desafiante consolidação. Por esse motivo, o reconhecimento do valor de cada novo contributo tem de ser pesado, sobretudo tendo em conta a necessidade de quem acompanha o desenvolvimento dos estudos pessoanos conseguir orientar-se minimamente no meio de uma tal floresta que é, por vezes, também de enganos.

Ora, *Evocando Fernando Pessoa*, de Francisco Peixoto Bourbon, é um daqueles casos que anualmente correspondem a avanços significativos por parte de quem anda em busca de peças perdidas no quadro de um *puzzle* em expansão rizomática, relativamente aos quais a única coisa que se lamenta é o facto de ter demorado tanto tempo a ter despertado a atenção suficiente para que se avançasse a recolha em volume dos textos publicados originalmente no jornal *Eco de Estremoz*, entre Dezembro de 1972 e Dezembro de 1973, num momento em que Pessoa já era um autor reconhecido e aplaudido por gerações sucessivas de poetas e de críticos, mas não contava ainda com alguns dos seus mais relevantes hermeneutas nem com o reconhecimento internacional mais amplo que o *Livro do Desassossego* e as gerações mais recentes de editores e tradutores ajudaram a construir.

De facto, o que poderia passar pela reunião de um conjunto de textos ocasionais perdidos na poeira dos jornais e pouco apelativo aos leitores contemporâneos revela-se um contributo perfeitamente adequado aos mais diversos públicos. Por um lado, o leitor não especializado poderá encontrar nestas páginas momentos de leitura agradável, capaz de fornecer pormenores de extremo relevo não apenas sobre o poeta, nas suas diversas facetas humanas, mas também sobre a sua época e uma série de nomes marcantes do seu tempo, desde os mais conhecidos, casos de Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros, Raúl Leal, António Ferro e Mário Saa a outras figuras de primeira importância no quotidiano de Pessoa, como Da Cunha Dias, Carlos Lobo de Oliveira, Manuel de Vasconcellos ou Joaquim

* Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL).

Palhares, amigos constantes de tertúlias e divagações urbanas. Para o leitor especializado, estas evocações revelam-se perfeitamente alinhadas com alguns dos mais contemporâneos debates, por exemplo no que respeita à ideologia política de Pessoa e ao seu lugar no cânone literário português, entre o pouco reconhecimento experienciado em vida e o muito expressivo interesse póstumo, evidente, por exemplo, nas constantes polémicas mencionadas por Peixoto Bourbon como pretextos para algumas das suas observações ou nas recorrentes solicitações de pormenores por parte de amigos e de leitores das crónicas, à medida que vão saindo. É no sentido desta prolífera intervenção como testemunha privilegiada de um tempo, apta a fornecer esclarecimentos cruciais sobre os mais diversos pormenores da vida quotidiana e intelectual de Fernando Pessoa, que deve mencionar-se o reconhecimento que Onésimo Almeida faz, citando um contacto epistolográfico com Bourbon datado de 1987, no qual este confirma a intuição de que Sorel terá sido um dos grandes inspiradores da concepção pessoana de mito. Deve nesse sentido ler-se o capítulo “Pessoa, a Mensagem e o mito em Georges Sorel”, incluído em *Pessoa, Portugal e o Futuro* (2014).

Algumas das crónicas são de resto exemplos de uma consciência autoral a germinar, denunciando os motivos da composição destes esboços de memórias de um tempo distante e a consciência da sua importância na época da escrita. Os exemplos mais representativos serão provavelmente as crónicas XXV e XXVI, nas quais se confronta com o facto de nunca lhe ter ocorrido dedicar-se à evocação de Pessoa mas, fazendo-o, se ter visto embrenhado na descoberta gradual de uma verdadeira missão: “E então passou a dar-se uma ocorrência deveras estranha – a de sentir como que uma emoção voluptuosa em coligir elementos sobre o assunto e tentar revolver recordações e mexer em cinzas que ainda, ao contrário do que supunha, estão bem quentes, por vezes mesmo escaldantes” (p. 106).

Com efeito, Bourbon de Peixoto sabe-se contemporâneo não só do ocaso da vida de Fernando Pessoa mas também do momento de constituição de uma série de suposições acerca da sua vida e obra que urgia denunciar e desconstruir, com o máximo de rigor e a constante garantia de fidelidade aos factos, questão que motiva a muito recorrente afirmação da boa fé que o move, dada a enorme amizade e admiração que nutria pelo homem e pelo poeta, e o elogio da boa memória de que era dotado e de que outros sobreviventes da primeira metade da década de 30 dão conta. O alvo é claro: “Há, na verdade, em torno da estranha e complexa figura de Fernando Pessoa muita lenda que importa desfazer repondo-se a verdade dos factos, tanto mais que ela só é em extremo favorável à memória do grande poeta que era de uma bondade, espírito de compreensão e caridade cristãs incomparáveis” (p. 110).

A opção de Peixoto Bourbon passou pela composição de pequenos e variados textos temáticos, através dos quais a personalidade singular de Pessoa vai ganhando forma, contemplada de diversos ângulos e com o recurso a outras figuras que

representam o papel de verdadeiras personagens secundárias na crónica de uma vida de excepção que a todos marcou.

Um homem cativante, poderosamente distinto, capaz de reunir em torno de si com grande tolerância um conjunto de sujeitos muito diversos, apto a discutir os mais diversos assuntos e a responder assertivamente nas ocasiões em que os temas e as opiniões predominantes não lhe agradavam. Um espírito complexo e por vezes controverso para os próprios amigos, mas que sabia reconhecer o valor e a importância da sua companhia e da sua apreciação, ao mesmo tempo que cultivava um reduto íntimo demarcado com grande rigor e procurava ocultar as marcas de infelicidade que os últimos anos de vida haviam trazido consigo. São extremamente originais e surpreendentes aquelas crónicas em que Bourbon ensaia reproduções de intervenções verbais de Pessoa, dando-nos a ver um homem plenamente ambientado ao seu país e apto a recorrer a vários níveis de vocabulário, incluindo expressões populares, provérbios e expressões de genuíno humor, mesmo quando implicados em discussões com homens conhecidos pelo seu mau feitio, como Gualdino Gomes.

Paralelamente a esse retrato, que em grande medida coincide com o que tem sido fornecido pela informação mais actualizada de que dispomos, mesmo quando procura entrar na análise algo superficial de alguns poemas tidos como manifestações de sincera repercussão de episódios vividos, o cronista confronta-nos com aqueles que serão os três aspectos mais recorrentes do conjunto: o pouco reconhecimento de Pessoa por parte dos seus contemporâneos e do regime vigente, em parte devido a atritos mantidos com algumas figuras proeminentes, o seu controverso posicionamento ideológico, na linha de uma vaga herança monárquica inconciliável com qualquer das linhas dominantes no seu tempo e a situação de grande miséria material por que passou. São também estimulantes as várias menções a opiniões literárias de Pessoa, por exemplo quanto ao valor de Sá-Carneiro, de Gaspar Simões e de Almada Negreiros, à simpatia para com autores da tradição portuguesa e ao desprezo por figuras como António Ferro e Pedro Teotónio Pereira.

As crónicas fornecem por vezes informações de capital importância, perfeitamente conciliáveis com o que já se conhece e que ajudam a confirmar e a aprofundar. Apenas alguns exemplos.

Na crónica V, pode ler-se uma apurada recuperação das ideias de Pessoa a respeito da República e dos seus problemas de consolidação, com a sugestiva consideração de que Sidónio Pais poderia ter sido um verdadeiro fio condutor de uma série de “transviados” aptos a contrapor uma experiência dinâmica da tradição nacional ao peso sufocante de escolas estrangeiras. Na crónica VI, a propósito de uma controvérsia quanto ao mais relevante historiador de Portugal, é o entendimento da mitologia profunda da nacionalidade que moveu as principais reflexões de Pessoa que ganha forma, propondo a dimensão profética de Vieira

como alternativa possível às lições de Herculano e de Oliveira Martins. Nas crónicas VII e VIII, introduz-se uma invulgar menção ao suposto desagrado de Pessoa relativamente ao nome da revista fundadora do Modernismo português, *Orpheu*, por contraponto com o nome de um outro mito grego mais apto a designar os trabalhos em que se lançaram os poetas modernistas, *Prometheu*, nome que Pessoa teria considerado superior a *Orpheu*. Na crónica XVIII, a propósito da primeira edição de *Mensagem*, Bourbon fornece-nos importantes pormenores relacionados com a composição da obra, nomeadamente quanto ao trabalho da Editorial Inquérito, pouco lembrada chancela de um outro companheiro de Pessoa, Lobo de Oliveira, em colaboração com Ferreira Gomes. A crónica XXI menciona o interesse de Pessoa por outra figura emblemática do imaginário mítico português, o Magriço, que, embora não sendo tratado em nenhuma passagem conhecida da obra pessoana, é uma outra faceta de contacto possível com Camões. Interessa ainda reter a curiosa comparação que Pessoa terá proposto entre a sua delicada situação económica e o esbanjamento de Raúl Leal, na medida em que ajuda a enquadrar elementos como a herança que Pessoa recebeu na juventude, o pouco sucesso das suas iniciativas editoriais e o concurso para o lugar de bibliotecário no Museu Castro-Guimarães. Este assunto vai, ainda, no sentido de algo que paira em várias outras crónicas e que dá uma expressão distinta a problemas como o famigerado relacionamento com Ofélia: em que medida as circunstâncias económicas terão condicionado, como Peixoto Bourbon afirma, quer a decisão de Pessoa formar um lar, quer a pouco cuidada arrumação dos seus papéis e das suas obra fundamentais?

Algumas crónicas merecem uma nota especial pela sua qualidade singular. Com efeito, e salvo algumas repetições e alguns casos evidentes de alguma falta de diversidade vocabular por parte do autor, as crónicas revelam passagens apreciáveis e impressionantes, que transcendem o mero exercício de revisitação de uma figura excepcional. É o caso da dramática crónica XVII, na qual a evocação de Mário de Sá-Carneiro é dada através de uma visão premonitória de Pessoa, que teria reconhecido os traços do seu amigo na expressão de um gato envenenado para o qual fora por acaso conduzido e no qual ficara convencido de ter visto uma despedida do malgrado amigo. É curiosa a sugestão de que em parte Pessoa teria sentido remorsos particularmente vigorosos devido a tê-lo “desapossado de sínteses preciosas e de imagens da mais elevada e sublime poesia” ou mesmo de depois da morte “não resisti (r) à tentação de utilizar nas minhas lucubrações poéticas muitas das suas geniais imagens, camuflando-as por vezes, é certo, com outras roupagens” (p. 80). É extremamente relevante esta sugestão de que Pessoa poderia ter sido não apenas influenciado por Sá-Carneiro como também responsável por alguns aproveitamentos póstumos da sua poesia, que, recorde-se, ficou à sua guarda.

A crónica XV é notável por documentar os motivos para o afastamento entre Bourbon e Pessoa, nos últimos meses da vida do poeta. Concorrendo para confirmar a *verdadeira bomba* que Pessoa considerou ter produzido com o seu veemente texto

em defesa da Maçonaria, que tantos dissabores lhe trouxe junto de Salazar e do regime vigente, são as afirmações produzidas nesse texto as que parecem ser lidas pelo autor como as mais graves e inadequadas de entre todas as que Pessoa, ocasionalmente, defendeu à margem das opiniões correntes. Começando por contrapor Pessoa a Churchill, cuja perspectiva a respeito da Maçonaria era pouco simpática, Bourbon conclui que não poderia justificar-se de modo algum a apologia que Pessoa fazia dessa seita. Com efeito, comparando essa intervenção com um outro momento controverso, aquele em que Pessoa reagira aos ataques dirigidos por Pedro Teotónio Pereira e Álvaro Maia aos autores da dita *literatura de Sodoma*, episódio que as crónicas deixam claro teve repercussões duradouras na imagem pública de Pessoa junto do regime, Bourbon considera indefensáveis as ideias promovidas no artigo de 1935, tido como o grande responsável pelo gradual afastamento do então jovem admirador face ao seu ídolo até então aparentemente intocável.

Também a crónica XXVII introduz informações surpreendentes e de algum modo capazes de produzir no leitor contemporâneo um ponto de interrogação. Peixoto Bourbon menciona um momento na vida de Pessoa na qual, estando este ocupado com uma série de assuntos relacionados com a sua produção de índole policial e com actividades pouco normais de acordo com o padrão comum, por exemplo a sua interacção com Aleister Crowley, se teria sentido perseguido pela polícia, informação que o próprio Bourbon confirmaria junto de Ferreira do Amaral, comandante da polícia. Ora, o modo como Bourbon descreve a situação, as reacções ambíguas de Pessoa ao sentir-se perseguido e mesmo os seus esforços para despistar e troçar dos agentes que o incomodavam lembra bastante as passagens de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* nas quais o heterónimo se vê, também, alvo de uma sufocante intervenção policial. Teria Saramago, no início da década de 70, lido o *Eco de Estremoz* e ali recolhido alguma da inspiração para o seu celebrado romance de 1984?

Pela sua grande contemporaneidade, deve ainda ler-se com particular interesse a sequência de crónicas XXIX-XXXII, nas quais se aproveita um diálogo com Manuel de Vasconcellos, amigo comum dos tempos retratados no livro, para uma reflexão teórica sobre as aproximações entre Fernando Pessoa e Luís de Camões, assim como sobre o seu interesse por autores portugueses quinhentistas e seiscentistas. O enquadramento de Camões e dos autores portugueses do período Barroco no contexto mais vasto da literatura europeia do tempo, sobretudo por confronto com o caso espanhol, assim como o reconhecimento de uma aproximação profunda de Pessoa a esse momento tão reconhecido pelo próprio em textos dos quais Bourbon não teria provavelmente conhecimento, constituem páginas de primeira água num momento em que a questão do cânone e a revisão crítica das interacções entre Pessoa e as suas diversas constelações literárias, nacionais e internacionais, se impõem. Bourbon vai ao ponto de mencionar um livro de 1927 no qual os principais nomes do Surrealismo europeu haviam dedicado atenção aos

grandes autores do Barroco espanhol, sugerindo, eventualmente, que tais textos poderão ter sido conhecidos no âmbito das tertúlias nas quais Pessoa era a figura tutelar.

Finalmente compiladas num livro servido pela simplicidade elegante das Edições Colibri, e contando com uma informada introdução de José Barreto, talvez o mais apurado leitor da obra política de Pessoa, e de uma breve nota de Mateus Maçaneiro descrevendo o processo de procura das crónicas e de obtenção das necessárias autorizações de reprodução dos textos por parte da filha de Peixoto Bourbon, Ana Mafalda de Távora Peixoto da Silva e Bourbon, as crónicas produzidas no início da década de 70 conhecem finalmente as condições necessárias para uma mais profunda revisitação por parte de estudiosos ou interessados na vida e obra de Fernando Pessoa. Lamenta-se apenas que este esforço promovido pelo jornal *Eco de Estremoz*, no sentido de retirar ao olvido relativo documentos dados à estampa num tempo em que a imprensa periódica era ainda um veículo fulcral no panorama cultural português, não tenha ainda sido acompanhado pela publicação das crónicas subsequentes do autor. De facto, como José Barreto informa, os doze meses compilados neste livro são apenas uma parcela de um conjunto que, nos anos 80, foi continuado nas páginas de outros jornais como *Cidade de Tomar*, *Consciência Nacional*, *Notícias de Guimarães* e *Comércio de Gaia*. Todo um outro filão por explorar, portanto, que, caso o autor tenha mantido a qualidade e a riqueza das observações transmitidas neste testemunho indispensável, merece ser dado a conhecer aos leitores de Fernando Pessoa.

RUI SOUSA concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino em Luiz Pacheco. Publicou ensaios sobre Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915 – O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e colaborou em números recentes da *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou em 2016 o livro *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Prepara um projecto de investigação relacionado com as interacções entre a literatura, a filosofia e a política no contexto do Modernismo e do Surrealismo em Portugal, procurando explorar mais aprofundadamente o papel da mitologia na intervenção política dos grupos literários e a forte presença dos processos de hibridismo e de sincretismo numa progressiva reflexão sobre a cultura como realidade plural e globalizada.

RUI SOUSA graduated in Portuguese Studies and obtained a Master’s degree in Romanic Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Letters of the University of Lisbon. He recently obtained his PhD, with a dissertation dedicated to the concept of the libertine in Luiz Pacheco. He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in the anthology *1915—The Year of Orpheu* (2015) coordinated by Steffen Dix and has published studies on Pessoa in *Pessoa Plural* and in projects coordinated by Estranhar Pessoa and by Casa Fernando Pessoa. He published in 2016 the book *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. He is a researcher of the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Letters of the University of Lisbon (CLEPUL). He prepares a research project related to the interactions between literature, philosophy and politics in the context of Modernism and Surrealism in Portugal, seeking to explore the role of mythology in the political intervention of literary groups and the strong presence of hybrid processes and syncretism in the progressive reflection on culture as a plural and globalized reality.